

AS BASES FILOSÓFICAS DO PENSAMENTO EVOLUCIONISTA

Antônio Sérgio Mota da Silva¹

RESUMO

Este artigo visa demonstrar que a existência de todas as coisas se deve a um princípio causal primordial e que a teoria da evolução, que foi estruturada por Charles Darwin no século XIX, tem suas bases nas teorias de diversos filósofos da antiguidade. Para isso, foi realizada uma viagem panorâmica pela História da Filosofia elencando as principais respostas dadas por cada um dos filósofos da natureza, conhecidos também como pré-socráticos, e as teorias de outros filósofos de destaque, às perguntas fundamentais de existência humana, a saber: qual a origem da vida? Como tudo veio a ser? Como se explica a mudança das coisas? Vale lembrar que o mais importante não são as conclusões às quais chegaram cada um dos filósofos, mas as perguntas que eles se fizeram e o esforço que empregaram para respondê-las, superando, assim, o pensamento mítico que vigorava. Todas as argumentações levam a concluir que um princípio uno e singular foi causa da realidade material múltipla e que esta segue um determinado direcionamento evolutivo de aperfeiçoamento.

Palavras-chave: Filosofia da Natureza. Causa primeira. Evolução.

ABSTRACT

This article pretends to show that the existence of all things it must come from a first casual beginning and from the evolution theory, that was organized by Charles Darwin on the XIX century, It has its base in the several ancient philosophic theory. To that, It was fulfilled a panoramic travel by Philosophic history detaching the principal answers given by each one philosophy of the nature. They are known too as pre-Socratics and the theory of others highlights philosophers, to the human existence fundamental questions, as it known: What's the beginning life? How everything come to be? How to explain changes of the things? It is necessary to remember that what is more important aren't the conclusions to them arrived the philosophers, but their questions and the effort that used to answer them, overcome than the myth thinker that is in forced. All the argument lead to conclude that the beginning only and singular was caused by multiply material reality and this follow a perfecting evaluative management determined.

Key-words: Philosophy of the nature. First cause. Evolution.

¹ Licenciado em Filosofia
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC
E-mail: silva-cz@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo tem muitas inquietações, porém, algumas delas existem desde quando ele começou a pensar criticamente. De fato, o que é o homem? O que ele representa diante da imensidão do cosmos? Como tudo passou a existir? O que fez a realidade vir a ser? Para onde tudo se encaminha? Para cada uma dessas perguntas há uma imensidão de respostas em todas as perspectivas de conhecimento, mas neste artigo as respostas virão do pensamento filosófico.

A primeira parte desse trabalho lembra que em tudo o mundo há narrativas mitológico-religiosas que tentam explicar o surgimento do universo. São relatos antigos que demonstram, entre outras coisas, uma atitude de fé numa realidade transcendente, embora esta fé pareça infantil. A segunda parte prossegue com a exposição do pensamento dos filósofos pré-socráticos da Grécia antiga, que encontraram nos elementos básicos da natureza a causa primordial de todas as coisas. Nessa parte, o destaque foi dado às respostas que eles encontraram, mas o mais importante foi o fato deles superarem o domínio do pensamento mítico elaborando perguntas acerca da realidade circundante a fim de descobrirem novas possibilidades de explicação para o mundo e para o homem.

Por fim, são apresentados os fundamentos filosóficos do pensamento evolucionista e os principais teóricos do evolucionismo moderno com suas respectivas contribuições, culminando na cosmologia contemporânea que além de corroborar com a idéia de que a realidade material não é estática, mas dinâmica e evolutiva, também faz entrever que o surgimento e a evolução da matéria obedecem a uma razão (*lógos*) que ultrapassa qualquer explicação científica, dando a possibilidade de conclusões até mesmo religiosas.

2 AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE EXPLICAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE TUDO

Em todas as civilizações orientais e ocidentais do passado havia algum tipo de narrativa em que se descrevia o surgimento do cosmos, como surgiram o céu, a terra, os astros, os seres vivos em geral e, particularmente, o ser humano. Egípcios, babilônios, sumérios, chineses, gregos, hebreus, todos eles tem em seus legados culturais histórias mitológicas que narram a formação do planeta e os fenômenos naturais que nele ocorrem. Quando a escrita começou a ser utilizada pelos povos,

logo se sentiu a necessidade de se escrever cada uma dessas narrativas, pois até então erram repassadas às gerações seguintes oralmente: “[...] cada um tecia, de acordo com a própria imaginação, as lendas locais, ou as narrava às crianças sob a forma de conto de fadas” (MÉNARD, 1997, p. 3). Para falar da mitologia primitiva, os escritores se utilizavam da linguagem poética com muitas imagens metafóricas que produziam encanto e suscitavam a imaginação dos leitores.

Dentre as cosmogonias (narrativas mitológico-religiosas sobre a origem do universo) dos povos orientais e ocidentais, algumas se sobressaem por apresentar uma complexidade mais ordenada e suficientemente explicadora. Na Grécia, famosa por ser o berço da Filosofia e de toda a cultura ocidental, foi onde se desenvolveu um dos maiores conjuntos de mitologias. Quanto à temática do surgimento do universo, tinham a crença de que antes de todos os tempos tudo era apenas “confusão”; nada estava em seu devido lugar; os elementos primordiais da matéria confundiam-se uns com os outros e nenhum deus existia para por ordem ao caos dominante; só posteriormente é que surgem os deuses que agiram diretamente na matéria caótica ordenando tudo. Partindo dessa crença, os fenômenos naturais e os acontecimentos na vida dos homens eram tidos como intervenções dos deuses.

Semelhantemente à mitologia greco-romana, há várias literaturas indianas que abordam a temática da origem do universo, literaturas estas produzidas ainda no Período Védico (1.500-600 a.C.), uma das três etapas de desenvolvimento da filosofia indiana. Um dos hinos contidos no Vedas, livro sagrado mais antigo da religião hinduísta, é outra cosmogonia. Podem ser encontradas narrativas sobre a origem do universo também na China, na África, na América pré-colombiana e em todas as outras civilizações antigas que já eram bem estruturadas culturalmente. Ainda entre os povos antigos destacam-se os hebreus, que tinham a crença num único Deus criador de todas as coisas. Segundo esses, Deus havia dado o ser a toda a realidade material que antes não era. Isso está narrado de forma poética no livro do Gênesis (primeiro livro da Bíblia), que foi escrito por volta do ano 1.000 a.C., quando ainda não havia elementos históricos e científicos como os que se tem hoje.

3 A FILOSOFIA DA NATUREZA

Após séculos de crença nas aplicações mitológicas e religiosas da origem do universo e da vida, alguns homens dotados de alto grau de criticidade começaram a

questionar-se sobre a veracidade dessa forma de pensamento. Duvidando das verdades até então aceitas como legítimas e inabaláveis, eles estavam quebrando relações com o pensamento mitológico e começando a pensar filosoficamente. Se iniciava uma nova fase na história da humanidade.

O pensamento filosófico, que é considerado oposto ao pensamento mítico, surgiu para libertar o homem das fantasias da mitologia e da religião e para fazê-lo desenvolver-se de maneira mais crítica e questionadora. Os primeiros homens que receberam o nome de “filósofos” viveram entre os séculos VII e V a.C. na Jônia, uma das colônias gregas da Ásia Menor. Eles tentaram fazer a relação entre o caos e a ordem do mundo partindo das formas elementares da natureza, a saber, a água, a terra, o fogo e o ar, e não mais vendo os deuses como os responsáveis por tudo o que existe.

Esses filósofos, chamados atualmente de pré-socráticos ou filósofos da natureza, procuravam na própria natureza o “*arché*” (princípio) de todo o cosmos. Perceberam que a natureza não é algo acabado, mas que se encontra em desenvolvimento. Neste sentido, todas as coisas teriam procedido de uma causa primordial capaz de dar origem e direcionamento a tudo. Para cada filósofo, um dos elementos da natureza era o princípio ordenador e causa de toda a realidade sensível. A seguir estão demonstrados cada um deles com suas respectivas teorias.

Deixando de lado a imaginação e o mito, Tales (624-546 a.C.) de Mileto, matemático, astrônomo e negociante, baseava-se no puro raciocínio, no *logos*, para fazer as suas investigações filosóficas. Foi o primeiro pensador que sistematizou racionalmente a resposta à pergunta: qual é o princípio supremo de todas as coisas? Por esse e por outros motivos é considerado o pai de toda a filosofia ocidental.

Por princípio compreende-se que seja:

a) A fonte e origem de todas as coisas; b) a foz ou termo último de todas as coisas; c) o sustentáculo permanente que mantém todas as coisas (a “substância”, poderíamos dizer, usando um termo posterior). Em suma, o “princípio” pode ser definido como aquilo *do qual* provêm, aquilo *no qual* se concluem e aquilo *pelo qual* existem e subsistem todas as coisas (REALE, 2005, p. 30).

Observando a complexidade da natureza, Tales percebia que na constituição de todas as coisas existia água, e que ela é indispensável à sobrevivência dos homens, animais, vegetais, enfim, de toda a natureza. E se algo deixa de ser úmido,

ou seja, se perde toda a água que possui em si, logo seca e morre. Assim o filósofo concluía ser a água o mais importante dos elementos vitais. Dela viria a vida e nela tudo se sustentaria. Mas, Tales não se referia somente à água que tomamos. Ela é apenas uma das manifestações da água originária da qual tudo deriva. Esta coincide com o divino, princípio incriado e gerador de toda a multiplicidade de vida. A partir desse princípio, surgem os outros elementos. Baseado nas suas investigações filosóficas, Tales defendia que não obstante

A experiência que apresenta o quadro impressionante de uma multiplicidade infinita de fenômenos aparentemente irreduzíveis, é possível derivar toda a realidade de um princípio supremo. É o colossal problema do um e do múltiplo, que atormentará os filósofos de todos os tempos (MONDIM, 2002, p. 18).

Anaximandro (611-546 a.C.) de Mileto, discípulo de Tales, é também filósofo da natureza e interrogou-se sobre qual deveria ser o verdadeiro *arché* das coisas materiais. Diferentemente de seu mestre, ele assegurou que a água não poderia ser o princípio primeiro pois já era algo derivado. Para ele, o elemento primordial tinha que ser alguma coisa indeterminada. A essa coisa indeterminada de natureza infinita, Anaximandro chamou de *apeíron*, que significa aquilo que é ilimitado. Esse princípio está em constante movimento, e disso resulta uma série de opostos que, por sua vez, origina o cosmos com tudo o que há nele. Em outras palavras, o *apeíron* é algo abstrato e não se identifica com nenhum outro elemento palpável conhecido, mas é uma força que está em eterno movimento e que gera toda a realidade sensível por meio da separação dos contrários.

Em meados do século VI a.C. surgiu, ainda na cidade de Mileto, um outro naturalista. Anaxímenes (?-525 a.C.) também investigou o *arché* de todas as coisas, e concluiu que não poderia ser algo tão indeterminado como o *apeíron* proposto pelo seu mestre Anaximandro, e nem algo tão palpável como a água de Tales. Porque soube unir aspectos dos dois pensadores que lhe precederam, ao apresentar o ar como princípio universal Anaxímenes foi considerado pelos antigos o paradigma da escola jônica. Sua escolha pelo “ar” se deveu basicamente ao fato de que o ar se presta a sofrer variações mais do que qualquer outro elemento. Para defender sua teoria, o filósofo também levou em consideração a eternidade do movimento que faz tudo transformar-se, e o significado mítico que o ar tinha: para os gregos o espírito e a alma eram ar quente. Os outros elementos derivariam do ar por processos.

Pitágoras (séc. VI a.C.) de Samos, fundador da escola pitagórica, foi um gênio da matemática, geometria, astronomia e física. Fazendo especulações acerca do princípio primordial, chegou à conclusão de que a multiplicidade é procedente da unidade. Como era bom matemático, formulou sua teoria baseando-se em proposições numéricas e apresentou o número, um elemento imaterial, como sendo o *arché* universal. “Entretanto, os números não são o *primum* absoluto, mas eles mesmos derivam de outros elementos” (REALE, 2005, p. 42, grifo nosso). O número nasceria da união de um elemento indeterminado com outro determinante. A partir daí surgiriam, paulatinamente, os pontos, as linhas, as figuras planas, as figuras sólidas, os corpos sensíveis e todo o universo. Para Pitágoras, o número representa ordem, e todo o universo é formado por números, logo o universo inteiro é ordem.

E como “ordem” se diz “kósmos” em grego, os pitagóricos chamaram o universo de “cosmos”, ou seja, “ordem”. Dizem os nossos testemunhos antigos: “Pitágoras foi o primeiro a denominar ‘cosmos’ o conjunto de todas as coisas, pela ordem que há nele. (...) Os sábios (pitagóricos) dizem que céu, terra, deuses e homens são mantidos juntos pela ordem (...) e é precisamente por tal razão que eles chamam esse todo ‘cosmos’, ou seja, ordem” (REALE, 2005, p. 45).

Empédocles (484/481-424/421 a.C.) de Agrigento, que foi médico, mago, político e filósofo, uniu as teorias dos jônios, de Parmênides (sobre o ser) e de Heráclito (sobre o devir) em um único pensamento. Segundo ele, o primeiro princípio são, ao mesmo tempo, os quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar); esses elementos são imutáveis e não derivam um do outro; as diferentes combinações entre eles fazem surgir os entes. Às substâncias primordiais, Empédocles deu o nome de “raízes de todas as coisas”, que unindo-se e separando-se dão origem à geração e à corrupção dos seres.

Demócrito (460-360 a.C.) de Abdera, que juntamente com Lêucipo, criou o atomismo e disse ser o átomo o elemento original. Ao sofrer a ação do movimento, os átomos se chocam formando diversas combinações que dão origem ao seres. Entre outras coisas, os atomistas sustentam que “o ser é constituído por átomos que são partículas indivisíveis e invisíveis, eternas e imutáveis; não tem qualidades, exceto a impenetrabilidade; diferem entre si apenas pela figura e pela dimensão” (MONDIN, 2002, p. 35). Também afirmam que o nascer, o tornar-se, é apenas um agregar-se de coisas já existentes; e o morrer, ou o deixar de existir, é um desagregar-se ou separar-se dessas coisas. Para esta teoria, a existência do vazio é

necessário, pois sem o vazio os átomos não poderiam mover-se. Átomos, vazio e movimento são a explicação para o cosmos segundo os atomistas.

Anaxágoras (500-428 a.C.) de Clazômena apoiou-se na doutrina atomista de Demócrito, não na sua forma original, mas com aperfeiçoamentos. Para aquele, os átomos são corpúsculos qualitativamente diferentes, chamados de “homeomerias”, os quais constituem o ser. Existe uma variedade infinita de homeomerias que formam todas as espécies de seres. Essa formação só é possível mediante a ação do devir que age conforme a Mente Suprema (*nous*), que “é uma realidade de ordem superior, independente dos corpos e infinita [...] causa da ordem e da disposição do universo” (MONDIN, 2002, p. 38). Anaxágoras defendia que o devir existia graças à composição elementar dos corpos. “Um corpo dá origem a outro corpo pela separação das homeomerias que prevalecem em sua composição” (MONDIN, 2002, p. 37). Com isso ele afirmava que na natureza não havia geração ou criação, nem corrupção ou destruição; tudo era apenas transformado.

Platão (428-347 a.C.) de Atenas, filósofo clássico da Idade Antiga e discípulo de Sócrates, mesmo não sendo um filósofo da natureza como os demais acima citados, colaborou com a idéia de que o mundo vem de uma causa primeira. Ele tratou dessa temática, de forma mais acentuada, nas obras *Timeu*, *Filebo* e *República*. Segundo o seu pensamento, antes que todas as coisas existissem já havia o Demiurgo, as Idéias e o Caos. O Demiurgo, ser supremo e artífice do universo, contemplando o Mundo da Idéias (Hiperurânio), plasma a matéria caótica dando-lhe forma e ordem, produzindo, assim, o mundo material. No *Timeu*, Platão expôs sua crença na origem do mundo sensível, gerado a partir da inteligência do Demiurgo: “Ele [o mundo sensível] nasceu porque pode-se vê-lo e tocá-lo, pois ele tem corpo e tais coisas são todas sensíveis; e as coisas sensíveis (...) estão sujeitas a processos de geração e são gerados” (REALE, 2005, p.143).

4 A MATÉRIA EM EVOLUÇÃO

A teoria evolucionista é mais uma tentativa de responder aos anseios do homem acerca de sua origem, missão e fim. Ela foi melhor sistematizada nos últimos séculos, mas considerável contribuição ainda poderá ser dada por parte de astrônomos, físicos, biólogos e paleontólogos. Seu campo de observação é o mundo sensível, a realidade circundante com os fenômenos que a toda hora acontecem,

mas seus fundamentos repousam na filosofia, uma vez que a razão faz entender que todo fenômeno possui uma causa natural, um princípio intrínseco ao ser.

O problema da evolução natural do universo surge, de uma parte, dos dados da observação e da experiência, quer natural e espontânea quer reflexa e científica; e, da outra, da exigência da razão, que requer pra todo fenômeno natural, universal e constante, uma explicação intrínseca fundada na própria natureza das coisas (SELVAGGI, 1988, p. 442).

Charles Robert Darwin (1809-1882) de Shrewsbury, Inglaterra, é o maior representante da teoria da evolução por tê-la melhor estruturado, mas podem ser encontrados os primeiros passos do evolucionismo já entre os pré-socráticos. Heráclito (séc. VI a.C.) de Éfeso, dos filósofos da natureza, foi o que mais acentuou a questão da transformação dos seres enquanto estes existem. Para ele, toda a realidade material muda; as coisas passam por um constante devir, um permanente vir-a-ser; nada continua sendo a mesma coisa. Heráclito afirmou que o fogo é o princípio universal por ser o elemento que transforma as coisas com mais facilidade fazendo-as mudar de ser. Em um de seus escritos ele falou sobre o constante transmutar-se de todas as coisas:

Não se pode descer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, pois, por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança, ela se dispersa e se reúne, vem e vai. (...) Nós descemos e não descemos pelo mesmo rio, nós mesmos somos e não somos (*apud* REALE, 2005, p. 35-36).

Mas essas transformações não acontecem ao acaso: elas são orientadas por uma espécie de *lógos* universal que causa a ordem e a harmonia e que está presente intrinsecamente em todas as coisas. Este devir heracliteano aqui é entendido como um protótipo de evolucionismo.

Outro passo na construção do pensamento evolucionista é a explicação de Aristóteles (384-322 a.C.) de Estágira para a sua percepção de mundo sensível. Ele defendeu o movimento contínuo da matéria utilizando a teoria do ato e da potência, segundo a qual o ser se transforma permanentemente para que suas potencialidades se atualizem dando origem a outras modalidades de seres, ou seja, a potência se transforme em ato. Essas mudanças decorrem de causas definidas e objetivas que o estagirita as elenca em quatro: material, formal, eficiente e final.

São Tomás (1221-1274) de Aquino, em um dos trechos de sua obra “Suma contra os gentios”, esboçou uma filosofia da evolução. Segundo ele, o mundo material tem um dinamismo natural, onde as coisas simples tendem a tornar-se complexas. As partículas elementares transformam-se em compostos, estes em seres vivos inferiores, depois superiores, até chegar à forma mais perfeita de vida: a humana.

Charles Darwin, após uma longa pesquisa baseada na teoria da evolução, defendeu a idéia da origem de novas espécies e da seleção natural. Na sua obra-prima (“Sobre a origem das espécies por meio da seleção natural ou a conservação das raças favorecidas na luta pela vida”, publicada em 1859) definiu o seu conceito de evolução: formação de novas espécies por lentos processos de descendência, com modificações a partir de outras espécies mais antigas. A teoria darwiniana da evolução dos seres vivos pela seleção natural se sustenta em cinco provas principais:

1) provas extraídas da hereditariedade e da criação, particularmente as variações devidas à domesticação; 2) provas provenientes da distribuição geográfica; 3) provas provenientes dos testemunhos fósseis; 4) provas derivadas da afinidade recíproca entre os seres vivos; 5) provas provenientes da embriologia e dos órgãos rudimentares (REALE, 2003, p. 373).

Herbert Spencer (1820-1903), positivista inglês, não negava a existência de Deus, mas ao mesmo tempo não admitia que tivesse sido uma entidade suprema e divina a causadora de toda a ordem cósmica. Spencer teve que apresentar outra justificativa para a realidade universal. Viu no evolucionismo de Darwin não só as respostas para a origem das espécies, mas para o desenvolvimento de todo o cosmos. Com isso, ele levou a teoria científica para o campo filosófico e transformou-a em princípio global. Foi, por isso, considerado o filósofo da evolução. “Spencer o aplica [o evolucionismo darwiniano] a toda a natureza, sustentando que a formação do cosmo e de todos os fenômenos a ela ligados foram dispostos segundo um único princípio fundamental, que é a evolução. Ele é causa também da ordem cósmica [...] (MONDIN, 1983, p. 119).

Como Herbert Spencer transformou a teoria em princípio universal, ela passa a ser aplicada também à vida psíquica e social do homem. Segundo o pensador, as leis evolucionistas são encontradas no cotidiano do ser humano, que busca sempre

mais aperfeiçoar-se em suas práticas para melhor adaptar-se ao meio no qual está inserido. A sociedade também evolui e faz a passagem para um estágio cada vez mais perfeito. Isso é feito por meio das técnicas, das descobertas, do aperfeiçoamento das leis, da mudança dos costumes, do desenvolvimento da arte e da filosofia.

Georges Lemaitre (1894-1966), um padre jesuíta de Charleroi, Bélgica, elaborou a famosa teoria do *Big-bang* (“grande explosão”) para explicar o surgimento do universo. Logo ela foi difundida e aceita como uma das melhores explicações para o atual estado do cosmos. Em sua essência, a teoria firma que toda a matéria estava condensada em uma só massa, sem vácuo ou intervalos. A isso foi dado o nome de ovo cósmico, no qual estavam contidos virtualmente todos os corpos celestes e todos os mecanismos que a estes dariam origem. Depois se sucedeu a grande explosão radioativa de núcleo compacto, a qual projetou estilhaços para todas as direções, a uma velocidade descomunal. Esses estilhaços passaram por vários processos químicos e com o tempo transformaram-se no universo tal como ele é hoje. Em outras palavras, as propriedades evolutivas contidas na matéria fizeram todos os seres progredirem da singularidade inicial à pluralidade atual.

Por volta de 15 bilhões de anos atrás ocorreu um evento extraordinário, um evento chamado Singularidade pelos cientistas. Foi notável e, até onde podemos dizer, único por várias razões. Em primeiro lugar, não houve nenhum “antes” dele, pois o espaço e o tempo apareceram nesse momento como dimensões da criação [...] Em segundo, temos o surgimento de algo novo – refiro-me à própria realidade ou existência. De um modo sobre o qual podemos falar apenas metaforicamente, a efetividade nasceu do vazio e do nada eternos e começou o longo processo de 15 bilhões de anos de desdobrar-se nas incontáveis e fantásticas formas que conhecemos (BROCKELMAN, 2001, p. 70).

Como esse pensamento, se introduz aqui um novo elemento na discussão o qual já foi referido na introdução. Apoiando-se na doutrina filosófica da causalidade, não se pode supor que a formação do ovo cósmico e sua explosão tenham acontecido ao acaso, sem nenhum princípio causador. Ademais, a ciência consegue chegar com suas especulações até a origem do núcleo elementar, mas não consegue transpor as barreiras da materialidade e descobrir qual a causa intrínseca da existência do todo. Assim sendo, emerge a crença de que todas as coisas vieram a ser por um princípio causador denominado por muitos como Deus.

A cosmologia contemporânea admite o universo como uma realidade dotada de sentido e finalidade e isso é proporcionado pela teoria da criação, que em absoluto não se opõe à da evolução, mas pelo contrário ambas complementam-se mutuamente.

Trata-se de uma cosmologia científica que ao mesmo tempo é uma história religiosa da criação, pois nos leva – como fazem as histórias religiosas da criação tradicionais – a “ver” ou compreender interpretativamente a vida “como” um todo significativo, uma realidade que ao mesmo tempo reúne a novidade e a diversidade que o compõem (BROCKELMAN, 2001, p. 150).

Esse tema não será tratado aqui mas vale dizer que o criacionismo não uma possibilidade de explicação do “como” ou “quando” as coisas vieram à existência, mas é a resposta ao “porquê” e “para que” há algo em vez de nada. Também é importante ressaltar que o criacionismo é diferente da teoria do “fixismo” das espécies, a qual afirma que nada se modificou ao longo dos milhares de anos de existência. Em síntese, o criacionismo é a afirmação de que há um Criador, causa transcendente para todas as coisas, e de que tudo é guiado por sua razão suprema, um *lógos* no sentido pleno da palavra. Não há fundamentalmente nada que se oponha ao pensamento evolucionista.

A cosmologia contemporânea, que combina elementos filosóficos e científicos, não vê como inconciliáveis essas duas possibilidades de explicação da realidade, assim como são as duas faces de uma mesma moeda. Em oposição aos criacionistas-fixistas existem os criacionistas-evolucionistas. Estes possuem uma visão religiosa de mundo afirmando que Deus é a origem e o destino de todas as coisas. A matéria teria sido criada por Deus com propriedades evolutivas, e nela agiriam fatores naturais provocando a evolução. Então, Deus não teria criado os seres como hoje o são, e sim, outras formas primitivas de vida que, ao longo do tempo, sofreram modificações devido às potencialidades evolutivas impressas na matéria pelo próprio Criador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade trouxe para o homem muitas facilidades e descobertas e, junto com elas, uma violenta torrente de informações, paradigmas e paradoxos que

o deixaram em uma verdadeira crise. Não há um consenso nas respostas aos “porquês” da vida humana. Cada pensamento doutrinário possui sua forma de dar sentido à existência e dificilmente uma consegue enxergar na outra alguma luz para si.

A teoria da evolução, que se expandia por todo o mundo a partir do século XIX, facilmente conquistava a elite intelectualizada que era alheia à fé e aos conhecimentos teológicos. Mas o homem é um ser religioso e é próprio dele crer numa força sobrenatural e infinita que intervém de alguma forma no universo.

Todos os filósofos e teóricos que aqui foram apresentados como também as cosmogonias dos povos antigos vêm reforçar que a concepção de surgimento do universo a partir de uma causa primeira é algo a ser considerado. Depois de tudo o que foi dito, algumas sentenças podem ser elencadas: 1º) nem sempre a realidade material foi como hoje o é; 2º) tudo veio a ser, e; 3º) há uma causa primeira de tudo.

O universo em evolução representa o progresso que a matéria faz em busca do seu aperfeiçoamento contínuo. A cada novo estágio evolutivo observa-se a incrível capacidade que ela tem de se transformar e se tornar mais complexa.

REFERÊNCIAS

BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e criação**: a importância espiritual da cosmologia contemporânea. São Paulo: Loyola, 2001.

MÉNARD, René. **Mitologia greco-romana**. São Paulo: Opus, 1991. 3v.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2002. 1v.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 1v.

_____. **História da filosofia**: do Romantismo aos nossos dias. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003. 3v.

SELVAGGI, Filippo. **Filosofia do mundo**: Cosmologia filosófica. São Paulo: Loyola, 1988.